

ARQUITETURA MODERNA NO JARDIM PAULISTA – PAULO MENDES DA ROCHA E O EDIFÍCIO GUAIMBÊ¹

Marina Miraldo BRUNO²

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
IFSP/Campus São Paulo

Maria Cecília LUCCHESI³

Doutora em Teoria e História do Urbanismo
Docente – IFSP/Campus São Paulo

RESUMO

Este artigo é resultado de pesquisa, no bairro do Jardim Paulista, acerca dos edifícios residenciais de arquitetura moderna da região, que foram projetados entre 1930 e 1980. Para este texto, foi feito um aprofundamento da pesquisa sobre o Edifício Guaimbê, projeto de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro, de grande relevância arquitetônica, com sua concepção embasada no pensamento modernista da escola paulista. O edifício destaca-se na morfologia do bairro, tanto por seu uso abundante de concreto quanto pelo seu recuo e fachada muito particular com toldos curvos.

Palavras-chave: Mendes da Rocha. Edifício Guaimbê. Arquitetura Moderna. Jardim Paulista. Brutalismo Paulista.

Introdução

O levantamento de campo e documental de edifícios modernos residenciais no bairro do Jardins, que incluiu extenso levantamento fotográfico, informações dos projetistas, construtoras, planta-tipo etc., resultou na elaboração de uma ficha com informações gerais sobre esses edifícios. Após esta etapa, para este trabalho, foi escolhido um edifício para estudo mais aprofundado, o Guaimbê. Este edifício, de treze pavimentos, está localizado na Rua Haddock Lobo; seu projeto é de 1962 e é filiado estilisticamente ao que ficou conhecido como corrente brutalista paulista. Uma breve conversa com o arquiteto e trabalhos teóricos sobre outros edifícios residenciais projetados por ele serviram de embasamento para a pesquisa.

¹ Este artigo é fruto de pesquisa de Iniciação Científica realizada em 2016. Orientadora Profa. Dra. Maria Cecília Lucchese.

² Endereço eletrônico: marinamiraldos2@gmail.com

³ Endereço eletrônico: cecilia.lucchese@ifsp.edu.br

Neste artigo procurou-se trazer elementos acerca deste estilo arquitetônico e sobre os arquitetos envolvidos neste projeto, principalmente Paulo Mendes da Rocha, premiado nacional e internacionalmente. O objetivo principal do texto é disseminar o conhecimento sobre o estilo brutalista paulista, através do estudo do que para alguns autores é considerado o primeiro exemplar desta corrente em edifícios residenciais em São Paulo. Contudo, também se procurou estudar com mais profundidade uma obra de um dos arquitetos mais relevantes da atualidade, estabelecendo comparações com outras obras residenciais do arquiteto, utilizando para isso a análise das fachadas e plantas dos edifícios.

Paulo Archias Mendes da Rocha

O arquiteto, que fez parte da chamada Escola Brutalista Paulista, nasceu em 25 outubro de 1928 em Vitória (ES). Formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, em 1954.

Até 1958 a Faculdade de Arquitetura do Mackenzie foi dirigida pelo seu fundador, o arquiteto Christiano Stockler das Neves, que adaptou para a escola os fundamentos da Universidade da Pensilvânia, a qual adotava o ensino de uma arquitetura vinculada a um estilo Beaux-Arts, adaptado às características americanas. Stockler das Neves, que deixou o cargo no Mackenzie em 1957, é bastante conhecido, sendo autor, entre outros, do projeto da Estação Júlio Prestes, atual Sala São Paulo e Palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro.

Dessa forma, a arquitetura moderna não esteve presente na escola até a saída de Neves, que só então passaria a contratar professores mais identificados com o modernismo, iniciando uma transição no ensino que só se encerraria em 1965. (cf. ABRUNHOSA, BREIA, 2017).

Apesar disso, desde suas primeiras obras, Mendes da Rocha desenvolveria projetos vinculados à arquitetura moderna. A partir dos anos 1960, ele desenvolveu uma sólida carreira acadêmica. Lecionou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde teve sua atividade interrompida pela ditadura militar, que o afastou do posto. Voltou à atividade docente apenas em 1980 e então lecionou por quase vinte anos aposentando-se em 1999.

O arquiteto desenvolveu projetos de vários tipos, ou seja, não se dedicou apenas a uma área de produção civil, sendo responsável por obras de caráter cultural (museus), habitacional, religioso e esportivo, entre outros. Participou de diversos concursos, como o do Ginásio Paulistano em 1955, logo depois de formado, juntamente com João Eduardo de Gennaro.

Em 1967, cinco anos após o projeto do Guaimbê, Mendes da Rocha projetou um conjunto habitacional de interesse social, o Conjunto Zezinho Magalhães Prado, um marco de sua arquitetura habitacional. Em 2004, ele volta a este tema, projetando um edifício de interesse social em Vallecas, Madri. Outros edifícios residenciais importantes são os edifícios Clermont, de 1972, o Penhasco das Gaivotas, o Jaraguá, o Golden Hill e o Aspen dos anos 1980, e são exemplares destinados à população de rendas média e alta.

Em 2006, Mendes da Rocha recebeu o maior prêmio da arquitetura mundial, o Prêmio Pritzker, devido à notável produção arquitetônica da sua carreira, conhecida nacional e internacionalmente. Além dos edifícios residenciais, ainda é possível citar alguns edifícios de uso público na cidade de São Paulo, como o Mube - Museu Brasileiro da Escultura, localizado no Jardim Europa, reformas na Pinacoteca do Estado, localizada na Luz, e o Museu da Língua Portuguesa, localizado no edifício da estação da Luz.

A forma como ele se preocupa com o vínculo entre a unidade e o todo, ou seja, entre edifício e cidade, estará presente em todas as obras e são justificativas dos ideais da Escola Paulista Brutalista, à qual pertence. Esta preocupação segue uma linha de pensamento arquitetônico atrelada a necessidades sociais e estéticas do homem. Isso se justifica, por exemplo, através do posicionamento do arquiteto em ser contra condomínios fechados, dizendo que tem caráter antissocial e antiurbano.

Atualmente, com 88 anos, Mendes da Rocha ainda continua em atividade, em seu escritório no prédio do IAB, no centro de São Paulo, de onde saiu o seu recente projeto para o Sesc 24 de Maio, em agosto de 2017, também localizado no centro. Outro projeto do arquiteto tem inauguração prevista para 2019, o Cais das Artes, em Vitória, sua cidade natal.



Figura 1 – Cronologia de acontecimentos e projetos marcantes de Mendes da Rocha
Fonte: Autoras

João Eduardo de Gennaro

O arquiteto que compartilhou com Mendes da Rocha a autoria do Edifício Guaimbê, João Eduardo de Gennaro, nasceu em 1928 e faleceu em 2013, em São Paulo. O arquiteto foi responsável por muitas obras, como indústrias, prédios administrativos, centro de processamento de dados, edifícios de apartamentos, entre outros. Os dois arquitetos se conheceram na faculdade, formaram-se no mesmo ano e abriram um pequeno escritório juntos, logo após sua graduação.

Sua associação com Mendes da Rocha pode ser devido ao fato de terem ganhado o concurso para o projeto do Ginásio Paulistano, em 1955, que resultou na formação do escritório, com sede então no Conjunto Nacional. Antes de participarem deste concurso, eles tinham somente feito o projeto de duas casas, em São Paulo. Nove anos depois, em 1964, ganharam outro concurso juntos, o do Jockey Clube de Goiás.

Gennaro trabalhou muitos anos no Itaú, aposentando-se em 1993, mas, assim como Mendes da Rocha, continuou desenvolvendo projetos.

Em 1967, foi convidado a trabalhar na Duratex, empresa do grupo do banco Itaú (...). Em seguida, criou a Itauplan, que segundo ele chegou a ter 'mais de 700 funcionários' e se tornou uma verdadeira escola de arquitetura: além de fazer o projeto arquitetônico, o arquiteto

coordenava todos os complementares, também realizados no escritório. Junto ao banco, desenvolveu os mais diversos trabalhos, chegando a entregar 300 agências bancárias em um único ano (SERAPIÃO, 2005).

O Edifício Guaimbê

A escolha do Edifício Guaimbê para um estudo de caso mais aprofundado se deu por ele ter sido reconhecido como um dos exemplares notáveis de arquitetura moderna no bairro dos Jardins. O edifício localizado na Rua Haddock Lobo se destaca na morfologia do bairro, tanto pela sua estética geral, quanto pelo gabarito. A fachada é composta predominantemente por concreto e vidro, e os toldos curvos de concreto são um elemento diferencial, além do grande recuo frontal que contrasta com os outros edifícios.

O local onde o edifício está inserido é uma área de uso misto, ou seja, há edificações residenciais alternadas com significativo comércio diversificado. Em geral, observa-se a presença de edifícios residenciais de porte semelhante ao Guaimbê, entre as ruas Haddock Lobo e Augusta, como é possível observar na Figura 2, que contrastam com edificações baixas. A maioria destes prédios tem arquitetura de inspirações modernistas, o que pode ser constatado pela composição das fachadas, materiais utilizados, implantação no lote, recuos etc.

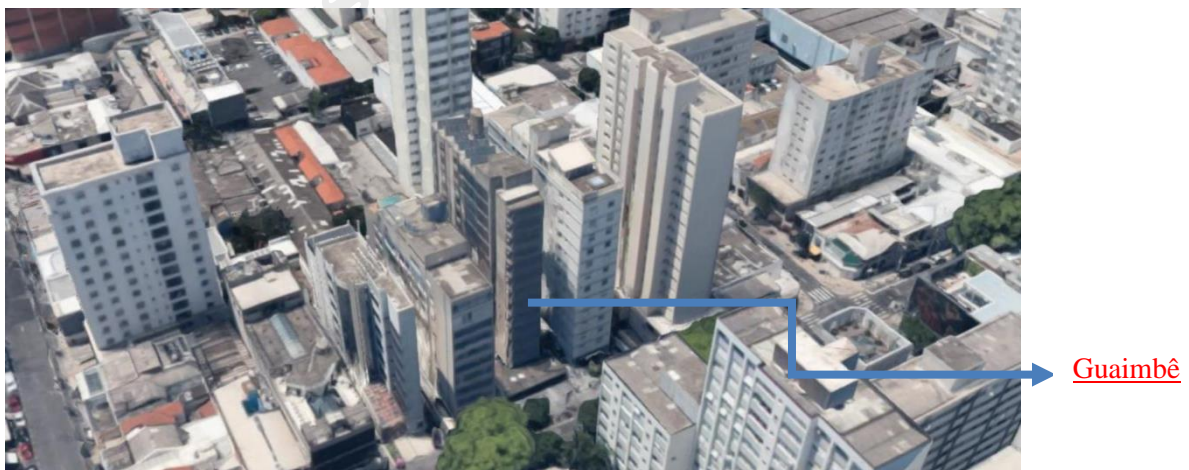


Figura 2 – Imagem aérea do edifício
Fonte: Google Earth

Em relação aos recuos, é possível afirmar que o afastamento lateral e frontal do edifício em relação aos limites do lote, mostrados na Figura 3, concomitantemente ao mesmo afastamento dos edifícios de lotes vizinhos, tem por consequência uma melhora nas condições de ventilação. São cerca de três metros de recuos laterais e de fundos, contrastando com os quinze metros frontais. Esta solução de grande recuo ocorre na maioria dos edifícios nas proximidades do Guaimbê, e contrasta com a ocupação mais antiga e predominantemente horizontal, que normalmente ocupa toda a área do lote (Figura 2). Desta forma pode-se dizer que a verticalização do bairro alterou a forma de uso dos lotes, no que o Guaimbê não é exceção.



Figura 3 – Recuos do edifício Guaimbê
Fonte: Geosampa, 2004

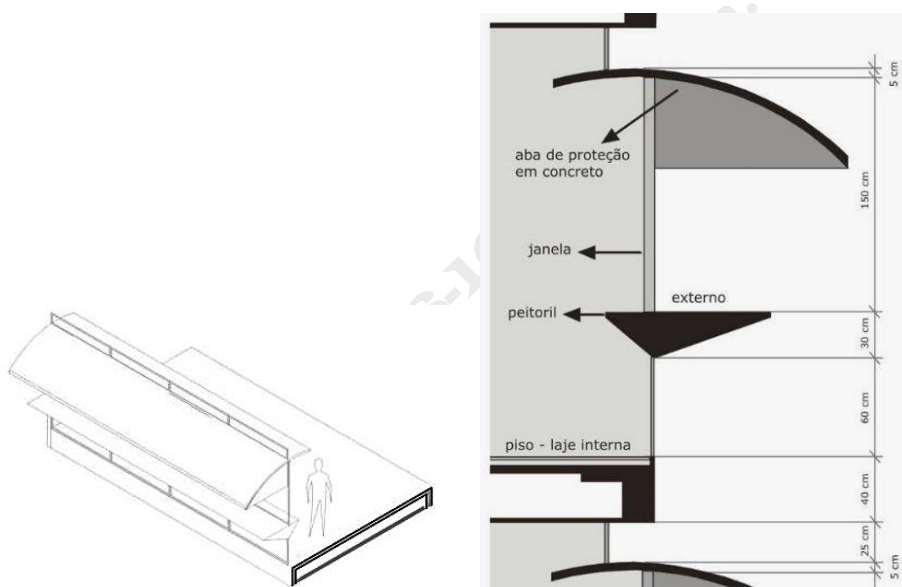
O projeto, de autoria de Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro, propõe um edifício residencial vertical de características brutalistas. O recuo frontal de quinze metros em relação ao alinhamento do lote causa uma percepção de transição gradual entre espaço público e privado. Esta noção é muito defendida por Mendes da Rocha, que sempre exalta a importância do diálogo entre a cidade e a construção, sobre como a moradia se impõe no meio urbano, e como ela pode ou não favorecê-lo, e vice-versa. Não há fechamento no alinhamento do lote, o que reforça ainda mais a ideia de transição.

O amplo recuo frontal permitiu aumentar a altura do prédio, restrição imposta pela legislação da época. Pela legislação municipal, havia uma relação entre a altura dos edifícios e a largura da via, pois a altura do prédio podia atingir somente uma vez e meia a distância entre a fachada do edifício e o alinhamento do lote na calçada oposta. Assim o edifício teve maior recuo, possibilitando mais pavimentos, o que foi uma solicitação

da incorporadora. Também foi usada a mesma estratégia no Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, realizado pela mesma incorporadora do Guaimbê, a Idelmo.

O terreno onde o edifício está inserido tem aproximadamente 610 m². O edifício conta com treze pavimentos, com um apartamento por andar, de 175m² de área, sendo o último duplex, solução que é responsável por uma “quebra” na fachada do edifício.

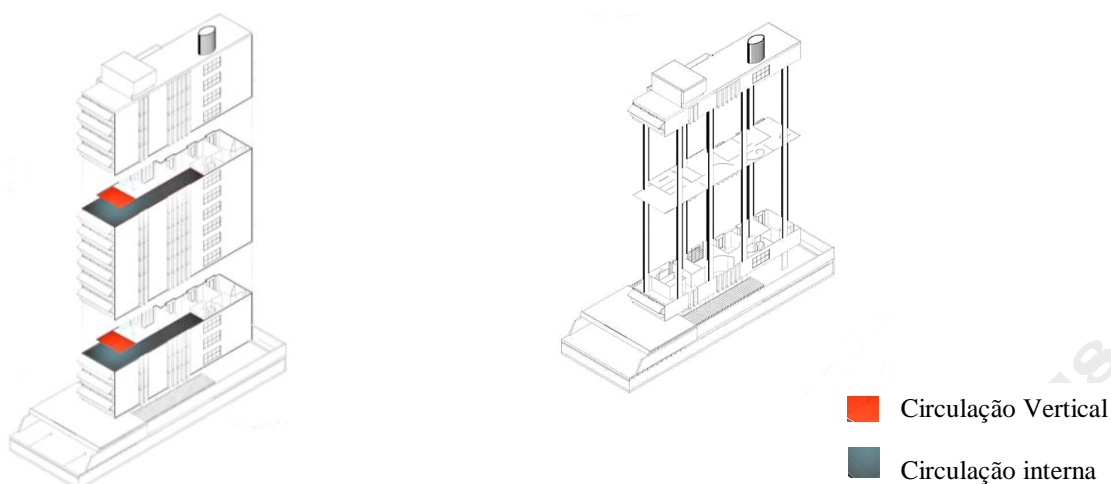
O terreno, como a maioria dos lotes antigos na cidade, tem configuração de pequena largura e grande comprimento, o que levou ao desenvolvimento de uma fachada mais estreita. Esta fachada é marcada por uma sequência horizontal de brises e platibandas em concreto (toldos curvos e peitoris), ambos em concreto aparente, que se repetem em todos os pavimentos, conforme pode-se observar nas Figuras 4 e 5.



Figuras 4 e 5- Esquema da fachada (sequência que se repete em todos os pavimentos), em perspectiva e em corte com detalhamento, respectivamente.

Fonte: Coroflot (2017)

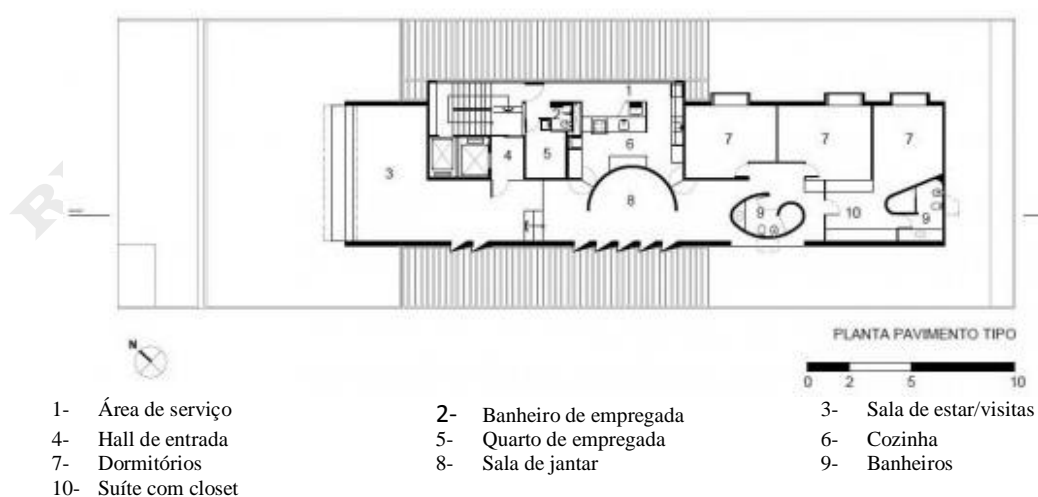
A circulação vertical do edifício dá-se próxima à fachada principal como é possível verificar nas Figuras 6 e 7. Já a circulação interna dos apartamentos se configura de maneira fluida e bem clara, sendo delimitada pelas curvas das paredes internas (Figura 8).



Figuras 6 e 7 - Esquema das circulações e da estrutura do edifício
Fonte: Coroflot (2017)

A fachada, de sete metros de largura, não possui esta dimensão apenas pela questão do terreno, mas também por motivos estruturais. O arquiteto optou por vencer o vão na largura do edifício sem a necessidade de pilares estruturais, o que gera uma relação de causa e efeito com seus ideais de planta livre, com uma quantidade mínima de pilares. Isso é possível graças às empenas autoportantes, paralelas às divisas laterais do lote, que suportam a carga nos pavimentos, liberando a planta dos apartamentos de elementos estruturais independentes e pontuais. Esta técnica foi repetida pelo arquiteto muitas vezes em sua carreira.

É possível observar também que todo o peso da caixa d'água está sobre as paredes dos banheiros, e é possível observar que há uma sobreposição linear destas áreas molhadas ao longo da edificação.



- 1- Área de serviço
- 4- Hall de entrada
- 7- Dormitórios
- 10- Suíte com closet

- 2- Banheiro de empregada
- 5- Quarto de empregada
- 8- Sala de jantar

- 3- Sala de estar/visitas
- 6- Cozinha
- 9- Banheiros

Figura 8 – Pavimento-tipo
Fonte: Migliani, 2004

A planta livre é uma premissa de projeto de Mendes da Rocha, que configura os apartamentos com solução de “galeria-corredor”. Este tipo de planta possui uma composição com desníveis internos e elementos de vedação entre os compartimentos (neste caso, curvos) que criam separação de espaços. O desnível acontece entre a área de estar e o restante do apartamento. Esses elementos, que se mesclam com paredes retas, totalizam um conjunto de distribuição de espaços sem o uso de corredores.

O primeiro, e maior, elemento curvo divide a área de estar da área da cozinha; o segundo, a área de estar da área íntima, e o terceiro, o banheiro e o dormitório. Todos esses elementos vão do chão ao teto. Os ambientes seguem uma progressão frente-fundos que sai da área social, passa pelos ambientes de serviço e depois chega à área íntima.

O arquiteto também demonstrou na obra preocupações com o conforto ambiental, através de elementos com função de proteção solar nas fachadas - os toldos curvos de concreto têm a função de criar proteção solar na fachada frontal (noroeste).

O peitoril de seção triangular, que atravessa toda a fachada noroeste, como se fosse uma viga, foi projetado para dar maior segurança aos usuários. Segundo o arquiteto, por ser um edifício residencial, com fachada de vidro cobrindo praticamente toda a fachada frontal, o peitoril ao cortar o pano de vidro traz uma sensação maior de segurança física. Este elemento avança para o interior da sala, formando uma espécie de bancada de apoio. Atualmente, alguns moradores mudaram o uso do peitoril e o transformaram em floreira, o que não havia sido previsto no projeto inicial.

Foram também projetados brises verticais de concreto na face oeste, com um metro de largura cada um, que garantem proteção solar, iluminação e ventilação naturais constantes, como mostra a Figura 9.

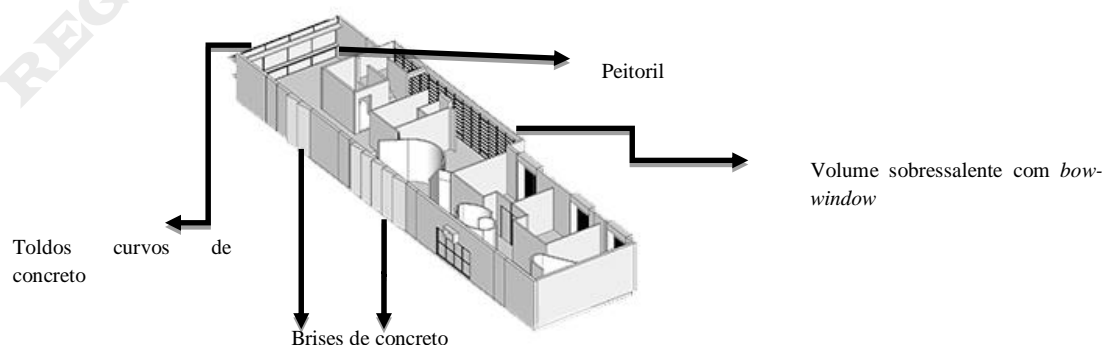
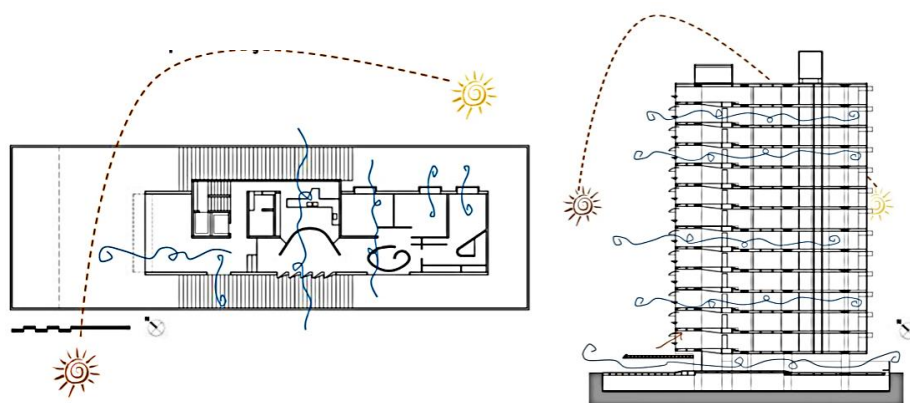






Figura 9 – Perspectiva do apartamento tipo com indicação dos elementos construtivos
Fonte: 3D Warehouse (2017)

Dois desses brises estão localizados na antessala e os outros cinco na sala de jantar. Além de conforto, eles garantem privacidade em relação aos prédios vizinhos, que têm fachadas laterais muito próximas às do Guaimbê.

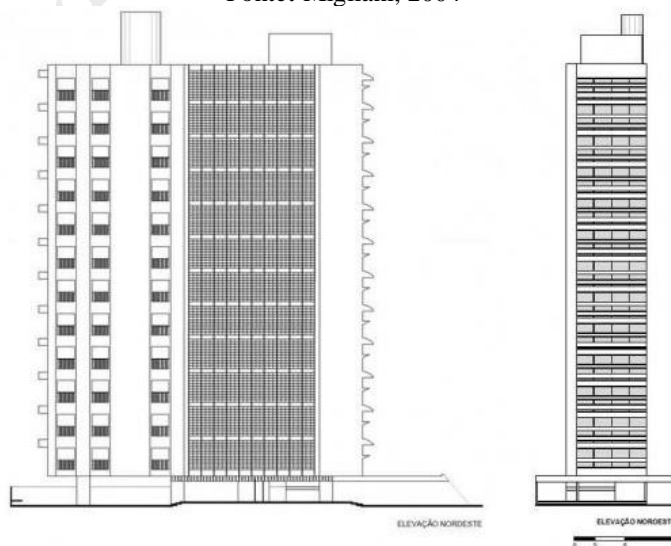
Na face leste há a presença de um volume sobressalente, uma grande *bow-window* fechada por esquadrias basculantes de vidro. Ela avança um metro em relação ao alinhamento da fachada. Além disso, há outras três *bow-windows* mais estreitas, uma em cada dormitório, com dois metros de largura e sessenta centímetros de comprimento. Essas janelas menores formam faixas sobressalentes contínuas na fachada.



-  Ventilação cruzada por planos opostos – fachadas nordeste e sudoeste
-  Ventilação cruzada por planos perpendiculares – fachadas noroeste e sudoeste
-  Boas condições de iluminação natural – fachada livre
-  Sol noroeste na fachada principal justifica uso de brises

Figuras 10 e 11 – Esquema de orientação solar e ventilação, em planta e em corte, respectivamente.

Fonte: Migliani, 2004



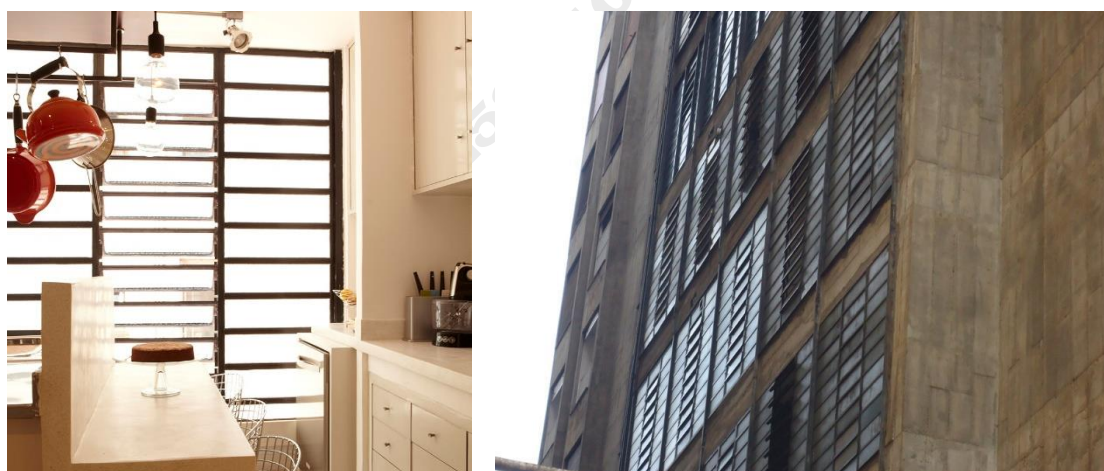
Figuras 12 e 13 – Elevação nordeste e noroeste do edifício, respectivamente

Fonte: Migliani, 2004

Nas figuras a seguir é possível ter uma visão interna dos apartamentos e de alguns detalhes do térreo e da fachada, esclarecendo melhor as informações colocadas nos parágrafos anteriores. As fotos internas do Guaimbê são de um projeto de design de interiores realizado pelo escritório Sub.Estúdio, em 2012.



Figuras 14 e 15 – Vistas interna e externa das faixas de vidro laterais, que permitem luz natural constante
Fonte: Escritório Sub.Estúdio (2012)



Figuras 16 e 17 – Vistas interna e externa, respectivamente, das janelas basculantes fixas e alternadas.
Fonte: Escritório Sub.Estúdio (2012)



Figuras 18 e 19 – Vistas interna e externa, respectivamente, do toldo e peitoril de concreto aliados ao pano de vidro
Fonte: Escritório Sub.Estúdio (2012)



Figuras 20 e 21 – Vista do térreo sob a marquise de concreto e da entrada do estacionamento no subsolo, respectivamente
Fonte: Autoras

Conversa com Mendes da Rocha

Em uma breve conversa com o arquiteto foi possível esclarecer alguns aspectos construtivos e algumas posturas do projeto.

Ao observar da rua o espaço semi-público do edifício, e com o conhecimento de que a obra é autoria de Mendes da Rocha, pode surgir o pensamento de que o recuo partiu exclusivamente do pressuposto defendido pelo arquiteto, já discutido anteriormente, sobre relação entre edifício e cidade. Porém, na breve entrevista com ele, ficou esclarecido que a construtora, na época, por causa da valorização da região, quis que o projeto contasse com o máximo de pavimentos possível, mantendo-se um alto padrão do edifício, uma vez que isso levaria a um maior valor de venda e também de

lucro. Para que houvesse os treze andares, era necessário obedecer às leis de recuo frontal, segundo a legislação de 1957.

Mendes da Rocha também ressaltou o fato de a planta deste projeto não possuir corredores, por mais que visualmente pareça o contrário. Ele relatou que suas estratégias para abdicar de corredores foram a adoção de elementos curvos e os desníveis nos apartamentos. O arquiteto propôs o peitoril como uma solução de conforto ergonômico e estrutural, servindo como viga que vence o vão da fachada de sete metros, e concomitantemente a isso também servir como uma bancada de apoio no interior dos apartamentos.

Guaimbê no contexto de arquitetura da época

A década de 1960 é uma fase com importantes acontecimentos que estabelecem uma relação entre como o projeto se desenvolveu e o que ocorria na arquitetura e na vida do arquiteto.

Naquela década, Mendes da Rocha começava a lecionar na FAUUSP; houve inauguração de Brasília, todos os movimentos que antecederam o golpe de 1964 e o exílio do arquiteto fugindo da perseguição militar. Havia ainda os ideais da Escola Brutalista Paulista que, entre outros, propunham uma modulação estrutural rigorosa e certa evolução no uso do concreto aparente.

Os movimentos culturais e libertários da década de 1960, como o movimento hippie e o amor livre, levam os arquitetos mais progressistas a fazerem uma revisão do espaço doméstico, ou seja, do habitar contemporâneo. Havia ainda a possibilidade de ensaiar o uso de novas técnicas construtivas, com uma melhor organização do canteiro de obras. Todavia, é importante destacar que esse pensamento avançado em tecnologia construtiva sofreu certas incoerências uma vez que a realidade técnica brasileira da época ainda era bastante precária em relação aos países mais desenvolvidos.

Com a obra [Guaimbê] concluída em 1966, verifica-se, no entanto, o descompasso entre as intenções projetuais de caráter técnico-construtivo e a prática da obra. (...) ainda que tenha sido executado com concreto moldado *in loco*, a presença ostensiva do material é responsável por uma reviravolta nos paradigmas construtivos da época no país, principalmente em se tratando de uma edificação residencial

(...) até então, no Brasil, as raras habitações em altura de afiliação brutalista associavam estrutura de concreto aparente a vedações em alvenaria de blocos – revestidas ou não –, tendo como referencial exemplar o edifício de apartamentos Promontory – 1946/49 –, projetado por Mies van der Rohe e localizado em Chicago (AVILA, CANEZ, 2016).

No contexto do Movimento Moderno, houve dois nomes que influenciavam muitos dos arquitetos que se formaram no século XX: Oscar Niemeyer e Vilanova Artigas. Eles também foram um referencial para Mendes da Rocha, para suas posições sobre a relação do edifício com seu entorno e sobre arquitetura como causa social. Segundo Motta, “Avançaremos a hipótese de que Paulo Mendes da Rocha encontrou em Niemeyer a tônica do confronto Arquitetura-Natureza, e, em Artigas, Arquitetura-Sociedade” (MOTTA, 1967, p. 29).

O projeto do Guaimbê demonstra, portanto, intenções do brutalismo paulista, com o uso abundante de concreto armado aparente, e a ideia de experimentação e inovação do trabalho estrutural, que procura acompanhar as tecnologias que surgiam na época. Há pontos no projeto que podem ser relacionados com pensamentos de Le Corbusier, como a estrutura independente, fachada cortina, planta livre, janela em fita, térreo em pilotis, que mostra a importância de liberar o solo a fim de integrar o edifício ao espaço urbano.

Há ainda características do Guaimbê, além das citadas anteriormente, que estão presentes em outros edifícios verticais residenciais de Mendes da Rocha, como o edifício Clermont (1972), Jaraguá (1984), Aspen (1986), entre outros. São elas, em suma, o uso de um sistema estrutural rigoroso com o mínimo de suportes internos – enfatizando o conceito de planta livre –, desníveis e elementos curvos para segregar espaços – plantas sem corredores –, o contraste de texturas entre vidro e concreto nas fachadas, preocupação com a relação entre edifício e entorno – traduzida através de soluções para o térreo e recuos –, escolha de tipo de esquadrias e seus respectivos posicionamentos em relação às fachadas, com preocupação para orientação solar, entre outras estratégias projetuais.

Escola Brutalista Paulista

A produção do estilo arquitetônico modernista em São Paulo foi bem ampla entre os anos de 1930 e 1980. Um desmembramento desta coletânea de obras foi promovida por arquitetos como Mendes da Rocha e Vilanova Artigas, a chamada Escola Brutalista Paulista, mesmo que estes tenham negado enfaticamente pertencer a uma escola brutalista, como bem ressalva Zein (2006).

Tal escola pode ser caracterizada, em geral, por construções com uso massivo de concreto aparente e pelo aperfeiçoamento de técnicas construtivas com objetivo de reduzir o tempo de obra através de avanços tecnológicos na construção civil. Este estilo, como já mencionado, caracteriza-se por uso abundante de concreto armado, com obras que buscam revelar a verdade estrutural das edificações, através de elementos estruturais em concreto, aparentes.

Normalmente relaciona-se o estilo arquitetônico brutalista paulista com os novos pensamentos acerca da relação da arquitetura com a cidade que surgiram nos anos 1960, e dela com o homem. A síntese desses ideais resultaria numa arquitetura crua, limpa e com preocupação social, através do brutalismo, uma tendência internacional na época (anos 1950 a 70).

Contudo, talvez essa identificação não possa ser tão facilmente realizada. Zein, que pesquisou intensamente sobre os autores dessa arquitetura, diz que:

A amplitude desse levantamento só foi conceitualmente possível por se ter postulado, como requisição básica do estudo, o *status* de relativa autonomia, ou ao menos de não superposição congruente, entre a *Arquitetura Paulista Brutalista* e a *Escola Paulista Brutalista*. Mesmo quando ambos os conjuntos em grande medida se superponham, convém separá-los para deixar claras algumas questões: as mesmas que, por nunca terem sido devidamente consideradas e iluminadas, com muita frequência obscureceram o entendimento dessa arquitetura brasileira paulista.

O motivo fundamental que anima essa distinção é didático: postula-se a necessidade de distinguir entre a arquitetura e seu discurso, entre a obra e seu criador, entre posturas arquitetônicas e posturas políticas. Que essas dicotomias sejam de difícil separação e, no limite, indissociáveis, não significa que não possam ser tomadas uma a uma, com as devidas cautelas. Esse cuidado permitiu realizar um amplo e não-alinhado reconhecimento dessa arquitetura, que certamente inclui, mas não necessariamente se esgota na obra de um grupo limitado de excelentes criadores. Essa amplitude de visão não tinha sido possível até o momento justamente porque o entendimento da arquitetura da Escola Paulista Brutalista seguia sendo vinculado, exclusivamente, a um ou outro grupo político, a este ou aquele 'discurso', a este ou

aquele 'dogma' filosófico ou sociológico, ou sendo atrelado a esta ou àquela 'história oral' de alguns de seus criadores; com tais limitações essa arquitetura jamais chegava a ser vista em si mesma, e sim sempre a partir da cor da lente, extra-arquitetônica, que a focava; jamais chegava a ser vista em sua importância própria, e sim apenas como mero 'reflexo' de outros interesses não arquitetônicos (ZEIN, 2006, grifos das autoras).

Dessa forma, ainda que as posturas estéticas e ideológicas de Paulo Mendes da Rocha o referenciem como um profissional preocupado com as questões sociais (como era Vilanova Artigas) e com a fruição entre o edifício e a cidade, não é possível identificar esta postura como sendo uma posição de todo o grupo de arquitetos que podem ser enquadrados no que se costuma chamar de Escola Brutalista Paulista.

Conclusão

Este artigo faz a apresentação do edifício Guaimbê, em que se buscou conhecer e sistematizar as soluções e mecanismos projetuais adotados neste edifício de estética brutalista. Foram levados em consideração, portanto, a época de projeto (contexto) e conteúdo teórico sobre Mendes da Rocha, embasado em entrevista e leitura de textos sobre o autor e sobre sua obra.

O edifício Guaimbê marca uma nova fase de projetar os edifícios residenciais, com os ideais da escola paulista, com a arquitetura brutalista. Mendes da Rocha é um arquiteto muito conhecido, e o edifício Guaimbê é famoso por suas individualidades sendo, portanto, um rico instrumento de estudo sobre a arquitetura moderna, e que faz um contraste com a maioria dos outros edifícios residenciais do perímetro da pesquisa realizada em 2016, o bairro do Jardim Paulista.

Dessa forma, já de antemão, o edifício destacou-se na paisagem, fazendo com que houvesse o interesse em estudá-lo. Esse estudo possibilitou um maior conhecimento da obra desse arquiteto, como o presente artigo demonstra, além de possibilitar o contato com soluções de modulação de fachada e em planta, que exprimem de forma segura e excepcional a aplicação de elementos do discurso arquitetônico moderno em um edifício residencial.

Referências

3D WAREHOUSE. Sketchup Guaimbe. Disponível em <<https://3dwarehouse.sketchup.com/model/7e6de89831e7a1c3f6be74bae8f76973/Edif%C3%ADcio-Guaimb%C3%AA>>. Acesso em nov. 2017.

ABRUNHOSA, Eduardo Castedo, BREIA, Maria Tereza de Stockler e. Faculdade de Arquitetura Mackenzie: origens e transformações. In TANUS, Angélica et al (Orgs.) – *Arquitetura Mackenzie 100 anos – FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2017.

AVILA, Débora Saldanha de; CANEZ, Anna Paula. Habitações coletivas verticais de Paulo Mendes da Rocha (1962 a 2004). *Arquitextos*, São Paulo, ano 17, n. 194, jul. 2016. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.194/6127>>. Acesso em nov. 2017.

COROFLOT. Esquemas em 3D. Edifício Guaimbé. Disponível em <<http://www.coroflot.com/danielaschiaffino/Esquemas-3D-Edifício-Guaimbé>>. Acesso em nov. 2017.

GEOSAMPA. Mapa digital da cidade de São Paulo. 2004. Disponível em http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em nov. 2017.

MIGLIANI, Audrey. Clássicos da Arquitetura: Edifício Guaimbê/Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo Gennaro. *Archdaily*. São Paulo, agosto de 2014. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/625444/classicos-da-arquitetura-edificio-guaimbe-paulo-mendes-da-rocha-e-joao-eduardo-de-gennaro>>. Acesso em nov. 2017.

MOTTA, Flávio. Texto sobre Paulo Mendes da Rocha. In *Revista Acrópole*, São Paulo, n. 343, ano 29, set. 1967.

SERAPIÃO, Fernando. Entrevista com João Eduardo de Gennaro. Publicada originalmente In *Projeto Design* na Edição 306, 2005.

SUB.ESTÚDIO. Arquitetura. Guaimbê. 2012. Disponível em <<http://www.subestudio.com.br/Guaimbe>>. Acesso em out. 2017.

ZEIN, Ruth Verde. Breve Introdução à Arquitetura da Escola Paulista Brutalista. *Arquitextos*, São Paulo, ano 6, n. 69, fev. 2006. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.069/375>>. Acesso em nov. 2017.

**MODERN ARCHITECTURE IN THE JARDIM PAULISTA
NEIGHBORHOOD – PAULO MENDES DA ROCHA AND GUAIMBÊ
BUILDING**

ABSTRACT

This paper is from a research done in the Jardim Paulista neighborhood, about residential buildings of modern architecture inside the region, which were designed and built between 1930 and 1980. In that paper was done a deepest study from the Guaimbê Building, a Paulo Mendes da Rocha and João Eduardo de Gennaro's design, that has great architectonic relevance, that its conception was based on São Paulo modernist school of architecture positions. The building stands out in the neighborhood, as much for its abundant use of concrete as for its retreat and very particular façade, with curved elements.

Keywords: Paulo Mendes da Rocha, Guaimbê Building, Modern Architecture, Jardim Paulista Neighborhood, Paulista Brutalist Style

Envio: novembro/2017

Aceito para publicação: janeiro/2018